



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

MATHEUS MARQUES SILVA

**O DISCURSO ANTIRRACISTA NAS CHARGES: A REGULARIDADE
DISCURSIVA NA REDE SOCIAL**

**CAMPINA GRANDE – PB
2022**

MATHEUS MARQUES SILVA

**O DISCURSO ANTIRRACISTA NAS CHARGES: A REGULARIDADE
DISCURSIVA NA REDE SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Letras – Português, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. José Domingos

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M357d Silva, Matheus Marques.

O discurso antirracista nas charges [manuscrito] : a regularidade discursiva na rede social / Matheus Marques Silva. - 2022.

41 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. José Josemir Domingos da Silva, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Racismo. 2. Análise do discurso. 3. Memória discursiva. 4. Regularidade discursiva. I. Título

21. ed. CDD 401.41

MATHEUS MARQUES DA SILVA

O DISCURSO ANTIRRACISTA NAS CHARGES: A REGULARIDADE
DISCURSIVA NA REDE SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção de título de Licenciatura Plena
em Letras – Língua Portuguesa, pelo
Departamento de Letras e Artes do
Centro de Educação da Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus I,
Campina Grande – PB.

Área de concentração: Linguagens

Aprovado em: 07/12/2022

BANCA EXAMINADORA

José Domingos

Prof. Dr. José Domingos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba

Nota: 8,0

Tânia Maria Augusto Pereira

Profª. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba

Nota: 8,0

Linduarte Pereira Rodrigues

Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba

Nota: 8,0

Ao meu pai, José Alcantara da Silva, grande entusiasta, que fisicamente não está mais nesse mundo, DEDICO.

“Eu sou apenas um rapaz latino-americano, sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior, mas trago de cabeça uma canção do rádio, em que um antigo compositor baiano me dizia, tudo é divino tudo é maravilhoso.” Belchior (1976)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Copo de Leite	21
O copo de leite do Bolsonaro	22
O significado e o significante	23
Símbolo no Senado	24
Liberdade de expressão	25
Partido nazista brasileiro	26
O suspeito –	27
Violência na Rua	28
Liquidação	
Violência no	29
supermercado –	30
Fumaça e	
Tortura	
Violência em	31
Sergipe -	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	METODOLOGIA	10
3	ENUNCIADO E DISCURSO	11
3.1	<i>Memória Discursiva</i>	13
3.1.2	<i>Formação Discursiva e Sentido</i>	14
3.1.2.1	<i>O trajeto temático</i>	16
3.1.2.1.1	<i>Charge em Mídia</i>	18
3.1.2.1.2	<i>O discurso racista</i> 19
4	ANÁLISE DO CORPUS	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
6	REFERÊNCIAS	
7	AGRADECIMENTOS	

O DISCURSO ANTIRRACISTA NAS CHARGES: A REGULARIDADE DISCURSIVA NA REDE SOCIAL

SILVA, Matheus Marques*

RESUMO

Durante a história, grupos supremacistas brancos propagaram ideais que a raça branca é superior as demais. Essa prática produziu um agravamento no preconceito, derivando o racismo e a segregação de uma raça superior. As reproduções dessas ideias supremacistas foram e ainda são materializadas por meio de discursos, gestos, símbolos, vestes e ações que moldaram a forma de vida das pessoas negras. Sob esse viés, ainda na atualidade, questões históricas sobre o racismo são discursivizadas como forma de retratar a estrutura real da sociedade na forma da materialidade linguística e ainda hoje ideais racistas persistem na sociedade. Sendo assim, este artigo apresenta a seguinte questão de pesquisa: Como o discurso antirracista é materializado nas redes digitais? E objetiva analisar a materialidade discursiva antirracista discursivizadas na rede social *Instagram*, nas charges de Alberto Benett e Cartunistas das cavernas. Nesse cenário, a pesquisa prioriza de maneira mais específica; analisar a presença de uma memória discursiva na formulação dos discursos antirracistas; comparar as reutilizações de símbolos discursivos racistas na construção do discurso antirracista e observar a regularidade discursiva presente nos enunciados antirracistas. Para fundamentar essa proposta, comungamos com contribuição da Análise do Discurso de Linha Francesa e autores como Foucault (1969) sobre a presença da história no arquivo discursivo, Pêcheux (1999) na presença da historicidade e exterioridade na materialidade discursiva e Guilhamau e Maldidier (1997) com a ideia de trajeto temático em que os discursos se ressignificam e apresentam em outra época dada como um novo dizer. O *corpus* é composto por seis charges, divididas em duas séries enunciativas. A primeira série enunciativa apresenta as materializações do discurso racista sob o discurso supremacista branco e a segunda série se organiza em torno do discurso violento contra as pessoas negras. O trabalho é relevante por enxergar as redes sociais como campo fértil para as teorias da análise do discurso, desse modo, é preciso analisar esse ambiente virtual como também espaço fecundo nas formulações e reutilizações do acontecimento discursivo. Dessa forma, os discursos se ressignificam e apresentam sob a materialidade discursiva de novo dizer, mesmo não configurando como novo discurso, mas sendo ressignificado. Esse novo discurso provoca o confronto pela materialização do discurso antirracista, como forma de resistência e promove a desconstrução dos discursos supremacistas e violentos presentes na sociedade.

Palavras-chave: Racismo; discurso; memória discursiva; regularidade discursiva.

* Graduando do curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba.
(matheusmarquesnas@gmail.com).

THE ANTI-RACIST DISCOURSE IN THE CHARGES: THE REGULARITY OF THE DISCURSIVE EVENT IN THE SOCIAL NETWORK.

ABSTRACT

Throughout history, white supremacist groups have propagated ideals that the white race is superior to others. This practice produced an aggravation of prejudice, resulting in racism and the segregation of a superior race. The reproductions of these supremacist ideas were and still are materialized through speeches, gestures, symbols, clothes and actions that shaped the way of life of black people. Under this bias, even today, historical questions about racism are discussed as a way of portraying the real structure of society in the form of linguistic materiality and even today racist ideals persist in society. Therefore, this article presents the following research question: How is the anti-racist discourse materialized in digital networks? It aims to analyze the anti-racist discursive materiality discoursed on the social network Instagram, in the cartoons of Alberto Benett and Cartoonists of the Caves. In this scenario, the search prioritizes more specifically; to analyze the presence of a discursive memory in the formulation of anti-racist discourses; compare the reuse of racist discursive symbols in the construction of anti-racist discourse and observe the discursive regularity present in anti-racist utterances. To substantiate this proposal, we agree with the contribution of French Discourse Analysis and authors such as Foucault (1969) on the presence of history in the discursive archive, Pêcheux (1999) on the presence of historicity and exteriority in discursive materiality and Guilhamau and Maldidier (1997) with the idea of a thematic trajectory in which the discourses are re-signified and presented in another given time as a new saying. The corpus is composed of six cartoons, divided into two enunciative series. The first enunciative series presents the materializations of racist discourse under white supremacist discourse and the second series is organized around violent discourse against black people. The work is relevant because it sees social networks as a fertile field for theories of discourse analysis, thus, it is necessary to analyze this virtual environment as also a fertile space in the formulations and reuses of the discursive event. In this way, the discourses are re-signified and presented under the discursive materiality of a new saying, even though they are not configured as a new discourse, but being re-signified. This new discourse provokes confrontation through the materialization of the anti-racist discourse, as a form of resistance and promotes the deconstruction of supremacist and violent discourses present in society.

Keywords: Racism; discourse; discursive memory; discursive regularity.

1 INTRODUÇÃO

A palavra racismo, segundo o dicionário Michaelis (2022), é a *teoria ou crença que estabelece uma hierarquia entre as raças (etnias) como também uma atitude hostil em relação a certas categorias de indivíduos*. Esses conceitos, propagados por meio da história, resultam em preconceitos contra indivíduos que não fazem parte de uma raça superior e atribuem para a propagação de atitudes racistas, que, por sua vez, são geridas, em particular, por grupos supremacistas e por brancos.

Ao longo da história, grupos supremacistas brancos propagaram ideais que a raça branca era superior às demais. Esta prática produziu como efeito o agravamento do racismo, mantendo a segregação em relação a outras raças, como a raça negra. Segundo Santos e Silva (2018), as reproduções dessas ideias supremacistas no passado eram materializadas por meio de discursos, gestos, símbolos, vestes e ações que moldaram a forma de vida das pessoas

negras. Os gestos são de violência física ou verbal, destinados aos negros que são tratados com indiferença na sociedade sobre a perspectiva dos ideais racistas. No contexto americano, essas ações se configuravam em restrições como usos de banheiro exclusivos para negros e assento nos ônibus destinados somente as pessoas negras. Além disso, esses indivíduos eram impedidos de frequentar escolas e universidades. Esses aspectos moldaram a vida das pessoas negras nas sociedades, fundamentando a materialização do discurso racista. As formas de segregar as pessoas negras são legitimadas por meios de discursos racistas que formalizados na sociedade resultam em preconceito de raças.

Se no século XIX as pessoas negras ocupavam uma situação desfavorável na atualidade ainda se observa um enraizamento histórico de um preconceito de raças no Brasil. Além disso, a marginalização as pessoas negras são visíveis principalmente na rede social. De acordo com Guimarães (2015 *apud* Orsatto e Giacomel 2017), 54% da população brasileira é composta por afrodescendente segundo dados do IBGE. Ainda assim, mesmo que a maioria da população seja composta por traços distintos na sua formação, ainda existe o preconceito sob a ótica do racismo na sociedade, na qual continua propagando o preconceito contra as pessoas negras por entenderem que estão em um nível inferior das demais pessoas.

Dentro da sociedade, pessoas que ocupam as classes mais baixas são aquelas detentoras de menos privilégios na pirâmide social, resultando em uma hegemonia de raças que dificulta a ascensão de pessoas negras a cargos de alta hierarquia. Sob esse viés, ainda na atualidade, questões históricas sobre o racismo são discursivizadas como forma de retratar a estrutura real da sociedade na forma da materialidade linguística. A materialidade linguística ressignificada é materializada nas redes sociais sob a ótica de um novo discurso. Esses discursos racistas são confrontados com contradiscursos, a exemplo do discurso antirracista: um discurso de resistência, sob a forma de novos dizeres. Dessa forma, é preciso investigar como ocorrem essas novas reformulações no discurso de resistência.

O ambiente virtual de interação social é um dos lugares onde a criação de novas estratégias discursivas podem ser facilmente observadas. Essas estratégias retomam práticas e discursos racistas, reformulados na materialidade discursiva, para então, produzir novos sentidos antirracistas dentro de textos como as charges. Isto é, os discursos são propagados dentro da rede social, sob uma nova materialidade discursiva, com implícitos discursivos que retomam a exterioridade, com novas reutilizações reformuladas através de um percurso temático ao longo da história, até se materializar nas charges. Assim, nos propomos a analisar esse campo teórico discursivo e a materialização das reformulações discursivas antirracistas nas charges.

Sendo assim, o presente trabalho parte da seguinte questão de pesquisa: como o discurso antirracista é materializado nas charges das redes digitais? Para respondermos à questão proposta, definimos os seguintes objetivos da pesquisa:

Geral:

- Analisar a materialidade discursiva antirracista nas charges publicadas na rede social *Instagram*, dos chargistas Alberto Benett e Cartunistas das cavernas.

Específicos:

- Descrever a presença da memória discursiva na formulação dos discursos antirracistas;
- Comparar as reutilizações de símbolos discursivos racistas na construção do discurso antirracista;
- Analisar a regularidade discursiva presente no discurso antirracista.

A base teórica adotada é o campo da Análise do discurso a partir das ideias de Pêcheux (1999) com as noções da memória discursiva e da formação discursiva. E da de noção do acontecimento discursivo de Foucault (1986), ou seja, a presença da história na discursivização de um discurso. Além disso, analisamos o *corpus* a partir da noção de trajeto temático, conforme Guilhaumau e Mالدیدیر (1997), sobre a historicidade do discurso e as possíveis reutilizações que ocorrem na sociedade ao longo da história, construindo assim um percurso temático analítico.

Para entender o discurso antirracista materializado nas charges é necessário percorrer as reutilizações de discursos de outros, que são confrontados com os discursos de resistências, os discursos antirracistas, até a sua materialização nas charges. Essa materialização se dá pelas charges na rede social *Instagram*. Sob o ponto de vista social, a presente pesquisa justifica-se na notória persistência do tema do racismo atualmente sob a forma que a sociedade ainda trata o negro como “padrão de criminoso”, segundo argumenta Orsatto e Giacomel (2017), isso devido ao acesso minoritário dos negros à educação e cultura. Ainda assim, observa-se que é a partir dos discursos racistas, como a discursivização do “padrão de criminoso”, que a sociedade molda e propaga a figura do negro, de forma estereotipada. Assim, as atitudes violentas e racistas pela cor da pele propagam ainda mais o preconceito contra esses indivíduos.

Sob ponto de vista acadêmico, o trabalho é relevante por enxergar as redes sociais como campo fértil para as teorias da análise do discurso. É preciso analisar esse ambiente virtual como também espaço fecundo nas formulações e reutilizações do acontecimento discursivo. A sociedade convive com a interação social de maneira mais intrínseca devido a revolução tecnológica, desse modo, os estudos da linguagem precisam considerar e analisar esses “novos campos sociais”. A materialidade discursiva, uma vez discursivizada nas redes sociais já foi reproduzida na sociedade. E como afirma Pêcheux (1999), sendo o discurso social, é preciso analisar a sociedade que fórmula esses discursos. Assim, o social também está inserido na interação por meio de redes digitais.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa se caracteriza como *documental*, a qual, segundo Podranov e Freitas (2013) é a pesquisa que utiliza materiais que não recebem um tratamento analítico. Desse modo, a pesquisa documental transforma objetos de pesquisas, ou seja, qualquer matéria analisada em fonte de dados e resultados. Assim, quando esses materiais, são postos em análises mais críticas, torna-se um documento.

Analisamos, sob o ponto de vista de Guilhaumau e Mالدیدیر (1997), o trajeto temático, no nosso caso o discurso antirracista. Consideramos que o discurso antirracista acompanha a história, se ressignifica e adota outros moldes discursivos, mas carregando dentro de si outros dizeres. Sendo discursivizado nas charges do Instagram, sob a perspectiva de novos discursos.

Para a análise, utilizamos charges dos chargistas Alberto Benett e do cartunista Gilmar (intitulado Cartunista das cavernas). As charges correspondem ao período de 2019 a 2022. Assim, montamos um arquivo com 20 (vinte) charges e selecionamos 6 (seis) para a nossa análise. O *corpus* de pesquisa se dividiu em dois trajetos temáticos, organizados em séries enunciativas. Uma série enunciativa está organizada apresentando os determinados conjuntos de sentidos sobre o discurso racista que circularam principalmente em notícias da política

brasileira. A segunda série apresenta materialidades sobre práticas violentas contra pessoas negras em relação a fatos que aconteceram no Brasil.

Freitas (2022) aponta que os discursos são reutilizados e discursivizados em distintas materialidades discursivas. No nosso contexto, a materialização se observa no discurso antirracista discursivizado nas charges. Sendo assim, a materialização do discurso antirracista se forma com base em um percurso temático, com contribuições da história e da exterioridade. Pêcheux (1999) afirma que é impossível analisar o discurso apenas como uma sequência linguística, isto é, voltada em si mesmo. É preciso analisar também a exterioridade e a historicidade do discurso. Desse modo, com bases nesses pontos analisaremos a discursivização do acontecimento discursivo antirracista, com o percurso temático, materializado nas charges. Assim, o objetivo da pesquisa é analisar como se materializa o discurso antirracista nas charges publicado na rede social *Instagram*.

O trajeto temático no trabalho é composto por duas séries enunciativas do discurso antirracista. A primeira se configura como a série em que se evidencia o discurso sobre a supremacia branca, na qual, exploramos a formação discursiva do discurso racista, a memória discursiva e o discurso antirracista. A segunda série apresenta o discurso racista violento, com bases no trajeto temático.

Sob a ótica de Lassem (2010), Freitas (2022) e Maingueneau (1993), refletimos como o discurso comporta outros dizeres e como o discurso racista, no seu interior, comporta uma memória discursiva e formam na sua base, juntamente com o interdiscurso, a materialização necessária do discurso antirracista nas charges. Dentro dessa relação, é possível enxergar, ao longo da história, as ressignificações do discurso, que através de uma época se ressignifica, mas sem deixar a materialidade de outros dizeres.

3 ENUNCIADO E DISCURSO

A Análise do Discurso (AD), surgida na França no final dos anos sessenta, é considerada uma ruptura com os estudos da linguagem, pois a língua posta em uso não é apenas um código ou conjuntos de regras, mas é discurso, ou seja, tem efeitos de sentidos entre os locutores. Para AD, o discurso é social, a autonomia da língua é relativa e seu uso depende de determinantes históricos e ideológicos.

É o que demonstra Freitas (2022 *apud* Fernandes 2008, p.12) quando afirma que:

Podemos afirmar, que o discurso, tomado como objeto a análise do discurso, não é língua nem texto, nem fala, mais necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que o discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. [...] Vemos, portanto, que o discurso não é a língua(gem) em si, mas, precisa dela para ter existência material e/ ou real).

Percebe-se que o discurso está na opacidade e precisa de elementos linguísticos para a materialização. Como elementos linguísticos podemos citar a língua, sendo através dela que o discurso se materializa. Além do mais, é importante ressaltar que o discurso é um fato social, ou seja, precisa do real no processo de existência material. Como real, podemos identificar o sujeito do discurso. Esse sujeito não é excluído, mas é peça importante na construção do discurso. Orlandi (2009) afirma que [esses sujeitos] são regulamentados pelos aparelhos ideológicos e memória social, presente na sociedade.

A AD não se configura somente das rupturas, mas também da adoção e reformulação das três áreas: a linguística, o marxismo e a psicanálise. O sujeito é atravessado pela ideologia e pelo inconsciente. A noção de sujeito para a AD, segundo Orlandi (2009), se constitui de um sujeito dividido, constituído pela ideologia, pela história e pelo esquecimento. Em que Pêcheux (1999) afirma que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia.

Nessa perspectiva, Orlandi (2009) define que a história da AD pode ser dividida em 3 momentos: o 1º se caracteriza pela noção de cada conjunto de discursos idênticos, isto é, gerados por uma mesma estrutura, surgindo o conceito de máquina discursiva; 2º momento substitui a noção de máquina discursiva pela formação discursiva (FD) ou seja, um conjunto de regras anônimas e históricas, sempre determinado pelo tempo e no espaço que configura uma época dada para uma área social e as condições de exercício enunciativas; por fim, a 3º momento se constitui pelo abandono completo da máquina discursiva e entra em cena o conceito do intradiscorso. Isto é, os discursos deixam de ser considerados como uma constituição independente e passam a ser vistos na simultaneidade, atravessando uma formação discursiva.

O discurso se materializa sob a perspectiva do contato com o sujeito e com o ideológico, favorecendo o que defende Pêcheux (1999), quando afirma que não se pode analisar o acontecimento discursivo somente como questões linguísticas, mas é preciso levar em conta a exterioridade, historicidade e o social. Gregolin (1995) afirma que o discurso é um suporte abstrato que sustenta outros vários textos (concretos) que circulam em uma sociedade, isto é, o discurso é social com a participação da história no seu interior, formulado no interior de uma formação discursiva.

Nesse sentido, Fernandes (2005, p. 07) demonstra que “dada a relação intrínseca com a história, um enunciado torna-se sempre outro, mesmo havendo um regime de materialidade repetível” por isso é preciso se voltar para história para construir uma interpretação. O repetível que defende o autor não está voltado para o mesmo discurso, mas a forma como as formulações formam outras, sem abandonar traços do discurso fundamental. Como defende Fernandes (2005), uma materialidade discursiva tomada como enunciado dialoga com outros discursos e textos, que têm lugar na história, em uma época dada.

Desse modo, Foucault (1969 *apud* Fernandes, 2005 p. 06) afirma que “toda formulação possui em seu “domínio associado” outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega, enfim, em relação às quais produzem-se certos efeitos de memória específicos”. Isto é, ao analisar um discurso, a memória discursiva é ativada, pois, em seu interior, os moldes da formulação retomam outros discursos, que no seu interior é a mesma formulação de uma época dada, ativado a memória a referência se voltará ao discurso fundamental.

Dessa maneira, podemos indagar como acontece o processo do enunciado na época dada? É o que aponta Foucault (1995, p.100) quando afirma:

O que ocorreu para que houvesse enunciado? Trata-se de buscar na exterioridade de um enunciado determinado, as regras de sua aparição, a relação que mantém com o que enuncia; aquilo a que se refere o que é posto em jogo por ele.

Dito de outra forma, se verifica que existe uma harmonia entre as formulações de enunciados e a história, que se correlacionam e contribuem na formação do discurso, com a participação da exterioridade que ativa domínios outros no discurso. Formando a materialidade discursiva substituível.

Assim, percebe-se que um enunciado comporta no seu interior a história e a sua participação resultará em formulações discursivas que formam um enunciado a partir da

época dada. Maingueneau (1993) afirma que enunciado consiste em enunciação de um certa posição sócio-histórica na qual os enunciadores se revelam substituíveis. Ou seja, quando se observa essa substituição, os enunciados favorecem a sua época com afirmações que correlacionam com o tempo em questão, sendo substituível a cada período, não como um objeto repetível, mas como um novo enunciado dentro das regras do seu determinado tempo.

3.1 Memória discursiva

A memória discursiva, conforme diz Pêcheux (1999), é a presença da história no discurso. Ou seja, a presença da história faz ativar outros discursos a partir daquele analisado. Desse modo, não existe um discurso neutro, todo acontecimento discursivo, segundo Courtine (1981) comporta no seu interior a história associando a outras formulações. Durante o percurso histórico, as formulações se ressignificam, reutilizam, e formam outros dizeres, mas com a mesma memória discursiva.

Santos e Silva (2014, p.80) afirmam que são nas reutilizações do discurso que ocorrem a ativação da memória discursiva, pois:

Toda formulação discursiva faz circular formulações anteriores, porque ela possui em seu domínio associado outras formulações. Essa memória é social, não individual e que retoma o discurso de modo neutro, até porque isso não é possível, para AD não existe discurso neutro, sendo assim, a memória é de ordem ideológica. Ela diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regulamentadas por aparelhos ideológicos.

Desse modo, as discursividades comportam no seu interior outros discursos que já foram ditos anteriormente ao longo da história, ou seja, a materialidade discursiva se repete e se ressignifica formando outros dizeres, sem perder os aspectos do dizer fundamental. Assim, se apresenta a época dada como um novo dizer.

Santos e Silva (2014) dizem que as repetições não são as mesmas coisas. O que é preciso entender é que a repetição se dá por um discurso sob forma de um novo, mas, que já foi dito antes, em algum lugar, em outra época, sob outras formas, sendo o mesmo discurso. Desse modo, chamamos isso de memória discursiva, ou social, como aponta Orlandi (2009, p.31) que significa aquilo que é falado antes, em outro lugar de forma independente.

Orlandi (2009, p.31) afirma que a memória discursiva é “um saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Ou seja, o discurso não é formado no instante em que é discursivizado, por exemplo, mas, dito antes, sob outra forma, em outros momentos, mas com a mesma materialidade discursiva. A memória discursiva tem o aspecto de buscar na história esse momento que o já-dito já foi proferido e, a partir do momento que o discurso é analisado, ativa esse lugar na história em que o discurso já está pré-construído.

Dessa forma, o pré-construído é o discurso formado antes, em outra época, que é sustentado pela história. O pré-construído que ativa a memória discursiva interpela o interdiscurso. Isto é, o interdiscurso é responsável por apresentar os dizeres já ditos antes de outras formas e por indivíduos diferentes que, segundo as palavras de Orlandi (2009), disponibiliza os modos como afetam o sujeito a partir de uma situação dada. Assim, o interdiscurso é o responsável por contribuir na ativação da memória discursiva e situar na história esses discursos outros.

Courtine (1984 *apud* Orlandi 2009, p.33) afirma que

O que estamos chamando de interdiscurso -representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos- e esquecidos- em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal

– o intradiscurso- que seria o eixo de formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.

Dessa forma, a memória discursiva será capaz de ativar na história outros momentos em que um determinado discurso já foi proferido, e através disso será possível analisar o pré-construído do discurso ao longo da história, que é composto por vários outros dizeres, como também ativar na memória discursiva um determinado indivíduo que já proferiu o discurso em algum momento antes e moldar esse discurso na atualidade. Pois, como afirma Orlandi (2009), todo dizer tem dois eixos, o da memória e o da atualidade.

Lassem (2010, p.76) demonstra que:

Toda produção de um discurso, determinada conjuntura sócio-histórica, põe em movimento enunciados anteriores, outras formulações, que foram produzidas em outras conjunturas sob outras condições. Essas formulações irrompem, retornam como memória na atualidade dessa produção.

Nesse sentido, a memória social é ativada a partir do momento que se analisa um discurso na época dada, feito isso será possível ativar outros discursos. Dessa forma, dependendo de sua época, vai existir no interior discursivo características próprias do tempo em que está sendo produzido, isto é, todo discurso discursivizado já foi dito em outros lugares, sob outras formas, com outros moldes, resultando na retomada dos sentidos. A memória social vai perceber esses aspectos históricos e observar a discursivização atual daquele discurso.

Quando o discurso é materializado, seja através de imagem, formas de linguagens, gestos, e/ou toda materialidade discursiva, ocorre a discursivização do discurso. Sob esse olhar, a memória discursiva tem o objetivo de buscar na história formas dessa discursivização em outra época dada, mas que comporta os mesmos aspectos da materialidade discursiva analisada. Desse modo, Freitas (2022, p. 33) afirma que “o processo de reatualização da memória é imanente aos discursos, possibilitando novas formas de se conceber o enunciado em contextos diversos, e as imagens e os dizeres são responsáveis por reutilizar memórias discursivas”. Ao analisar um enunciado, a memória discursiva ativará outros enunciados, ditos anteriormente, que discursivizados na atualidade se apresentam sob formas de novos dizeres.

3.1.2 Formação discursiva e o sentido

Segundo Hoff (2007, p.126) [...], “as formações discursivas se acham inscritas numa formação ideológica. O discurso por sua vez, é compreendido como um dos aspectos materiais da materialidade ideológica”, isto é, uma formação discursiva tem o poder de determinar o que pode ou não ser dito, levando em conta o sujeito e seu lugar social que ocupa a ideologia. A materialidade das formações discursivas é estruturada pela relação discursiva da ideologia com o sujeito heterogêneo e a memória do discurso ativado na história.

Nesse sentido, a participação do sujeito na estrutura discursiva está sob a condição de que o sujeito é heterogêneo e esta heterogeneidade do sujeito é o resultado da interação com o outro sujeito. Maingueneau (1993, p.22) afirma que “na interação com o mesmo e do Outro, dever-se-á distinguir uma heterogeneidade mostrada [...]”. Dito de outra forma, é a partir da interação entre os sujeitos que são retomados outros discursos, sob o mesmo conjunto

discursivo, para formular o seu próprio a partir do lugar social em que o sujeito ocupa no momento da enunciação. Esses conjuntos discursivos são intitulados de formação discursiva.

A formação discursiva desenvolve-se na sociedade, com a presença do exterior. Maingueneau (1993, p.22) afirma “[...] [a formação discursiva] obriga a repensar a distinção espontânea entre o interior e o exterior de um discurso”, ou seja, a distinção é a configuração de diversos discursos em simultâneo, em relação com interior (o sujeito). Através desse encontro, em decorrência da formação discursiva em que esses sujeitos estão inseridos, são formulados seus próprios discursos, definindo assim, o que pode ser discursivizado ou não pelo sujeito discursivo.

Segundo Garcia (2003, p.130):

[...] uma Formação discursiva (FD) deve ser entendida como dois ou mais discursos em um só, estabelecendo a contradição seu princípio constitutivo. Sendo uma unidade dividida e heterogênea, seu entorno sendo fundamentalmente instável, pois não há limite rígidos a separar os elementos internos de seu saber daqueles que são exteriores [...] Formação discursiva (FD) concebida como necessariamente constitutiva de uma formação ideológica (FI) que determinará qual efeito de sentido prevalecerá em detrimento de outros, que o evoca, porá sua vez a questão possível da língua e do discurso.

Desse modo, uma formação discursiva também é ideológica, ou seja, ela atuará nos sujeitos, formulando o que pode ou não ser dito, através da ideologia presente dentro da FD. Além disso, a partir de um campo social discursivo, lugar que o sujeito ocupa na sociedade, a FD tem a função de regulamentar os dizeres favorecendo o seu campo social e o sujeito. A regulamentação possibilita impor as restrições e até mesmo os implícitos dentro da especificidade discursiva.

Foucault (1969 *apud* Maingueneau 1993p. 22) afirma que o

conceito de formação discursiva emprestado, como vimos da Arqueologia do Saber de Foucault, este termo define o que deve ser dito (articulando sob a forma de uma alocação, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição em uma conjuntura determinada.

Nesse sentido, a conjuntura determinada que fala o autor é o lugar que o sujeito ocupa dentro da sociedade, pois sendo o discurso exterior à língua, precisará dela para se materializar. Logo, é dentro de uma formação discursiva que os discursos vão ser formulados como acontecimentos discursivos, com características próprias da FD em que estão inseridos. Ao analisar um discurso, é preciso observar a formação discursiva dominante, visto que, analisar esses domínios é primordial na construção da interpretação da FD.

Garcia (2003, p. 136) afirma que:

O domínio de saber de uma FD funciona como um princípio de exclusão do que nela não é formulável, em função da formação ideológica (FI) que provém. O interdiscurso constitui-se, então, no domínio de saber próprio de uma FD determinando o que pode e deve ser dito. O interdiscurso incorpora os elementos pré-construídos, produzindo exteriormente à FD, mas atuando como sempre estivesse lá.

Dito de outra forma, a história também constitui uma formação discursiva. Logo, apresentará os efeitos do dizer já proferido antes, de um lugar social diferente. Dessa

maneira, através desses domínios exteriores discursivos, a linguagem não é mais concebida como um sistema de regras, mas, se manifesta como uma prática social, visto que, se forma dentro de uma formação discursiva ao longo da história. O discurso deve ser observado a partir da rede de memória, do trajeto social e da formação discursiva.

Lassem (2010, p. 76) explica que:

Ao retornarem como memória, formulações anteriores sustentam aquilo que pode e deve ser dito, mas também fazem emergir o sentido outro, aquilo que não pode ser significado no interior de uma FD. Pêcheux (2007) afirmou que “a regularização” discursiva que tende a formar a condição do legível e sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória.

O acontecimento discursivo carrega no interior da FD uma época dada, por isso que resulta no surgimento de outras interpretações ao longo da história. Desse modo, quando o discurso se ressignificar dentro da formação discursiva, ele se apresenta como um novo dizer, e é por isso que confunde a memória social. Logo, não é o mesmo discurso, mas um novo discurso, sob outras formas, porém, com a mesma formação discursiva.

Orlandi (1996) descreve como um encontro da língua com a ideologia/história, dentro da formação discursiva para a formulação do discurso. Desse modo, a Análise do Discurso vem unir as duas linhas paralelas ao analisar o discurso. Assim, é preciso considerar, reconhecer, valorizar, relatar e descrever detalhadamente as condições amplas de produções discursivas dentro das determinadas formações discursivas de um determinado discurso.

Orlandi (2009, p.43) afirma que

a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em um conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. [...] as formações discursivas, por sua vez representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos.

Isto é, os possíveis sentidos de um discurso serão determinados pela sua formação discursiva e pela formação ideológica presente na FD. Desse modo, todo discurso possui traços ideológicos a depender da condição que estão sendo formulados. Assim, através das relações constituídas pelas formações discursivas através de época dada, serão constituídas as relações de sentido de um discurso sob a ideologia vigente, considerando uma possível ressignificação discursiva, formalizando a FD e a relação do discurso com a história.

Nessa perspectiva, sob as reutilizações discursiva e o próprio acontecimento discursivo, a ideologia amparada pela formação discursiva será capaz de designar os possíveis efeitos de sentidos do discurso. Freitas (2022, p. 33) afirma que “dessa maneira, o processo de reatualização dos enunciados, faz reaparecer num discurso já dito atribuindo-se novos sentidos, que condigam com as condições adequadas para o discurso no momento que é proferido”. Isto é, os sentidos se apresentarão de acordo com a formação discursiva, a história e o trajeto temático em que se está inserido até se materializar como um novo dizer.

3.1.2.1 O trajeto temático

A partir do exposto, entender o sentido em relação com o trajeto temático pressupõe considerar o discurso como um fator discursivo histórico, ou seja, ao longo da história e com a participação da exterioridade formula seus acontecimentos discursivos na sociedade através da época dada, e percorre um percurso discursivo, que através da cronologia histórica, reutiliza, ressignifica, e atinge outras formas de reprodução discursiva, formulando assim, novos dizeres, ressignificada com exterioridade e social da época dada em que estão inseridos.

Nesse sentido, Gregolin (2005) afirma que o discurso é visto como um acontecimento singular da história. Ou seja, por ser esse acontecimento singular em uma época dada, os discursos são constituídos nos referentes fontes da história, cada qual a sua maneira, utilizando os argumentos da sua época e se reutilizando, conforme a história avança, formando novos discursos. Esse processo discursivo em que o discurso vai se ressignificando e transporta no seu interior particularidade de cada época dada é intitulado de trajeto temático discursivo.

Nessa perspectiva, o trajeto temático se configura como o percurso histórico do discurso, isto é, o discurso se reutiliza, através de sua época dada. Promovendo essa reutilização o discurso se transforma em um novo dizer e se materializa em uma determinada época dada como um novo discurso. Porém, ao analisar esse discurso e seu percurso discursivo dentro da história, se observa que ele já foi dito antes, de outras formas, sob outra época. Através do trajeto histórico discursivo percebe-se que o discurso adentra a época dada camuflado de um novo dizer.

Sobre o trajeto temático, Guilhaumau e Maldidier (2002 *apud* Fernandes 2005, p.10) explicam que:

O trajeto temático aciona a memória discursiva e trabalha com seus deslocamentos e mutações sócio-históricas e a inscrição do sujeito em diferentes formações discursivas. O trajeto temático compreendido como ferramenta metodológica, possibilita analisar a construção e as mutações dos sujeitos e dos discursos.

O trajeto temático, como afirma Guilhaumau e Maldidier (2002), é uma ferramenta metodológica que possibilita estudar o percurso de um discurso. Essa abordagem, possibilita analisar formulações anteriores de discursos que se ressignificaram através da história. O trajeto temático é intrínseco, ou seja, traça um percurso que acompanha o discurso no interior discursivo, até se reutilizar como uma nova materialidade discursiva.

Quando o trajeto temático é usado como forma metodológica de análise sob um discurso, esse discurso ativa épocas dadas e fomenta vários outros acontecimentos discursivos que, produzidos dentro desse percurso, na época dada, não perdem características discursivas, mas se alinham às novas técnicas do seu tempo, e ressignificam sem perdem sua referência temática. O discurso será formado pelo percurso temático sustentado pela história, ideologia e pelo sujeito discursivo, amparado pelo social e pelas formações discursivas, se ressignificando como um novo discurso.

Guilhamou e Maldidier (1997, p 166) explicitam que “a análise de um trajeto temático remete ao conhecimento de tradições retóricas, de formas de escritas, de uso de linguagem, mas sobretudo, interessa-se pelo novo no interior da repetição”. Ou seja, esse novo é a materialização de um mesmo discurso, que já foi discursivizado antes, em épocas distintas, mas que se configura com uma reutilização discursiva. Essa reutilização do discurso está fundamentada, segundo os autores, no vai e vem linguístico de uma grande diversidade de atos de linguagens, isto é, a história e a exterioridade. Desse modo, essas novas formas discursivas agem sobre os sujeitos do discurso e possibilitam que o discurso reutilize como um novo dizer em uma determinada época. Assim se apresenta o trajeto temático discursivo.

Nessa perspectiva, o trajeto temático, segundo Guilhamou e Maldidier (1997, p.114), precisa ser analisado com bases “a) nos enunciados que se entrecruzam em um dado momento histórico, sendo que o tema estaria em uma posição referencial; b) das formas de escritas, dos usos da linguagem, do novo no interior da repetição; c) dos sujeitos especificadores.” Desse modo, com a participação da história, será possível enxergar onde o discurso foi dito antes, com outras formas de materialização, assimilando a sua posição referencial. O discurso se apresenta reutilizado para os sujeitos da referida época e é discursivizados como se fosse novo acontecimento discursivo.

Foucault (1969) caracteriza o acontecimento discursivo como um arquivo de práticas e relações que tem contribuição da história na sua materialidade discursiva. Desse modo, o arquivo analisado, segundo Foucault (1969 *apud* Simoni 2010, p.178):

é aquilo que define o que merece ser memorizado - e o que merece ser esquecido. É aquilo que determina o que deve ser conservado - e o que deve ser abandonado. É o sistema de discursividade que separa o que merece ser arquivado como história e o que deve ser esquecido.

Nesse sentido, através do trajeto temático, será considerado o que deve ser dito e o que deve ser esquecido, como também o que deve ser materializado para o novo dizer. Assim sendo, Fernandes (2005) afirma que a análise do trajeto temático reside na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos distintos constituindo o espaço de memória na análise do percurso temático. Dessa forma, é preciso reconhecer que dentro da materialidade linguística (arquivo discursivo), dada a relação com a história, os discursos são reutilizados e são discursivizados sob a perspectiva de novos dizeres na sociedade.

Sob a ótica de Foucault (1969), o *corpus* da pesquisa é formulado através do acontecimento discursivo, que constituído de uma série de acontecimentos, o situa na história. Desse modo, o *corpus* de análise é composto por duas series enunciativas sob o trajeto temático antirracista dentro das charges. Verificamos a presença de um tema como posição referencial, qual seja, o discurso antirracista, que dada relação intrínseca com a história, se materializa como um novo discurso, mesmo havendo no seu interior aspectos que sejam repetitivos de uma mesma formação discursiva de uma época dada.

3.1.2.1.1.A charge e a mídia

A charge, segundo o Dicionário online do Português (2022), é considerada um desenho humorístico, veiculado pela imprensa e tendo por tema algum acontecimento atual, que comporta crítica, envolvendo personagens. Ou seja, a charge retrata um momento atual da sociedade envolvendo questões políticas, ações do cotidiano e temas diversos, geralmente em

forma de crítica ou envolvendo um ‘humor ácido’. Assim, o intuito da charge é promover uma reflexão na sociedade com o envolvimento de um determinado tema.

Orsatto & Giacomel (2017, p.01) afirma que:

As charges são produções textuais interessantes para se observar questões atuais, considerando suas condições de produção. Seus recursos pictóricos, em sua maioria caricatos, e sua composição verbal – curta e quase sempre irônica – configuram um material rico e sucinto para se observar manifestações do discurso e da ideologia.

Isto é, as charges conseguem dizer muito com pouco, possibilitando incorporar imagens, símbolos e pouco texto no seu interior discursivo em favor de um determinado tema e, passar a mensagem integral, recorrendo a poucos recursos, dando importância a sua condição de produção.

Nesse sentido, a condição de produção da charge considera o contexto histórico, social e ideológico do discurso, pois é através da condição de produção que é possível enxergar a ideologia presente na materialidade discursiva. Assim, Orlandi (2009) afirma que considerar as condições de produção é atentar para o momento da enunciação da materialidade discursiva, ou seja, é reconhecer o contexto imediato, o qual inclui o contexto sócio-histórico e ideológico.

Desse modo, a partir da análise da charge, podemos enxergar a condição em que foi criada, o momento em que foram produzidos os discursos e a situação cotidiana da sociedade, pois, como afirma Gregolin (1995), ao analisar o discurso materializado, estaremos diante também da situação em que o criou, assim, determinando a condição de produção do discurso materializado.

Freitas (2022) afirma que a mídia comporta vários campos, impresso, visual, radiofônico e digital. Dentro desses campos midiáticos são formulados vários outros discursos valorizando a sua condição de produção. A mídia, por abranger diversas superfícies discursivas, configura-se como um campo amplo para as teorias da Análise do discurso, pois pode-se observar a relação do contexto sócio-histórico com as diferentes interpretações que cada campo midiático comporta e perceber o já-dito anteriormente sendo reutilizado dentro da mídia.

O nosso contexto imediato corresponde a mídia digital *Instagram* onde essas materialidades discursivas foram materializadas considerando a relação histórica com exterioridade, o sujeito e a situação em que foi criada a materialidade discursiva. Freitas (2022) afirma que é preciso analisar como a mídia social *Instagram* contribui nas formulações de discursos e participa na materialização do discurso em diferentes estágios discursivos.

O já-dito dentro das charges se apresenta como um novo dizer, porém, com a ativação da memória social é possível perceber, com o auxílio da historicidade, outra situação em que já foram ditos, como também a condição de produção discursivizada anteriormente. Existe uma regularidade discursiva dentro das charges, ou seja, que se repete em vários enunciados, objetivando a repetição de sentidos, no qual a memória social volta ressignificada, marcando uma formação discursiva na filiação desses discursos.

3.1.2.1.2: O discurso racista

O discurso racista tem raízes na história. Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, pessoas negras eram trazidas predominantemente da África, dentro de navios em condições precárias e viagens desumanas, para serem escravizados no Brasil. Como aponta Simioni (2016) o papel do negro foi servir a população branca como espécie de serviçal, tendo sua

condição desprezada. Assim, esse processo da história desencadeou uma formulação discursiva que o negro tem o papel de servir o branco, tornando-os como propriedade suas.

Nesse sentido, Santos e Silva (2018) afirmam que o início do século XX ficou marcado por um significativo acirramento nas tensões raciais, especialmente nos Estados Unidos no qual continham participação maciça de grupos supremacistas brancos. Simioni (2016), afirma que discursos racistas surgiram com os supremacistas brancos, que acreditavam serem uma raça superior as outras, baseada em traços científicos falsos. O discurso supremacista branco é uma forma de propagar que existe uma raça pura, isto é, a raça branca. Devido a esse argumento falso, os brancos são tidos como superiores, e dessa forma, propagam esse discurso atacando pessoas que não fazem parte de sua raça.

Nessa perspectiva, Orsatto & Giacomel (2017) explicam que a “Ku Klux Klan” é um grupo terrorista americano que foi criado no século XIX, nos Estados Unidos, com intuito de perseguir e assassinar negros. Além disso, seus ideais são supremacistas brancos, com discursos que pregam o ódio contra as pessoas negras. Suas roupas são peculiares, compostas por capuzes em forma de cones e vestimentas totalmente brancas, e uma cruz, simbolizando a religião. Santos e Silva (2018) apontam que a palavra “Klu Klux Klan” significa em grego “círculos”, ou seja, se constitui de círculos de brancos promovendo discursos racistas com as ferramentas de sua época. O movimento supremacista “O Klan”, como é conhecido atualmente, se configura como um movimento com ideais supremacistas brancos, tendo como objetivo excluir e segregar as pessoas negras.

Segundo Gonzalez (2020), as taxas de homicídios de negros e negras, por exemplo, crescem a cada ano enquanto a taxa de não-negros diminui no mesmo recorte temporal, ou seja, no século XXI, o nosso país ainda permite que a população negra continue a liderar trágicas estatísticas, como a de mortes evitáveis, formulando uma segunda formação discursiva; a do discurso violento contra os negros. Essa prática estereotipa o negro com um “padrão de criminoso” e é aceita pela sociedade.

No Brasil existem aparatos legais, como a lei 7.716/1989 intitulada como ‘a lei do racismo’, sendo considerado um crime contra a coletividade e não contra uma pessoa específica. E o Código Penal Brasileiro no artigo 140, considera crime de ‘Injúria Racial’ quando uma ou mais vítimas são ofendidas pelo uso de “elementos referentes à raça, cor, etnia, religião e origem”. Entretanto, ainda se observa na sociedade atual práticas de formulação de discursos de ódio contra os indivíduos negros, formalizando o discurso racista e favorecendo o preconceito.

Almeida (2019) defende que exista uma estruturação do racismo em três etapas: racismo individualista, o racismo institucional e o racismo estrutural. Esse tripé, segundo o autor, forma a base para a aceitação do discurso racista e a normalização do acontecimento racista na sociedade.

Para Almeida (2019), o racismo individual caracteriza-se pela concepção de uma anormalidade, ou seja, essa prática é caracterizada por ser uma patologia praticada por grupos pequenos ou por indivíduos que possuem essa “doença”. Desse modo, essa concepção de racismo é entendida que o indivíduo que formalizava práticas racistas se constitui em uma pessoa doente e necessita de um acompanhamento médico para essa patologia.

O autor define o racismo institucional como prática das instituições, isto é, são as instâncias de poder que agem no interior da sociedade, formalizando práticas racistas em ambientes institucionais. Desta maneira, o intuito dessas práticas é criar empecilhos para ascensão de pessoas negras, garantindo a hegemonia de grupos raciais. Por isso, tal atividade

decorre de problemas arcaicos que propagam ideias racistas pós-escravidão. Segundo Santos e Silva (2018) acabado o sistema escravista, o problema se mostrava outro e não era mais a escravidão como instituição retrógrada, mas os negros e seus descendentes, classificados como raças inferiores por essas instituições, sendo normalizado esse discurso na sociedade.

Nesse sentido, Almeida (2019) afirma que o racismo estrutural é o elemento que estrutura a ordem social e é reproduzido pelas instituições. As instituições só atuam de formas racistas porque estão fundamentadas em uma estrutura que atuou antes delas, favorecendo assim, as regulamentações necessárias. Para Almeida (2019), o racismo não seria algo criado pelas instituições, mas regulamentado e reproduzido por elas. Se as instituições são racistas, é em decorrência da sociedade que também o é. Dessa forma, sendo regulamentado pelas instituições, o discurso racista é normalizado na sociedade, e aceito como algo normal.

Segundo Guimarães *et al* (1999 *apud* Santos e Silva 2018, p.256), “qual seja, a ideia de que a humanidade está dividida em raças, e seu corolário, a saber, as diferentes raças conformam uma hierarquia biológica, na qual os brancos ocupam posição superior”, isto é, a regulamentação se dá pela ideia que existem raças superiores e o discurso racista faz propagar esses ideais dentro da sociedade; de que os brancos detêm os privilégios e mantendo esse discurso ativo ocorre a normalização do acontecimento discursivo racista na sociedade.

4 ANÁLISE DO CORPUS

O *corpus* da pesquisa se divide em duas séries compostas pelas charges dos chargistas Alberto Benett e do cartunista Gilmar (intitulado Cartunista das cavernas). A análise é dividida em trajetos temáticos discursivos, que por sua vez, dialogam com episódios da política nacional entre os anos de 2019 e 2022.

- *SÉRIE ENUNCIATIVA: SUPREMACIA RACIAL*

Figura 1 – O copo de leite



Fonte: Instagram (2021).

A primeira charge, publicada em 2021, mostra um indivíduo sentado em uma mesa, segurando um copo em formato de cone, e a embalagem do líquido no canto da mesa. O elemento verbal da charge se constitui de um texto curto: “Calma, é apenas um copo de leite”.

A partir da leitura da charge são ressaltadas as das formações discursivas que formam o enunciado. Através das reutilizações do capuz em forma de copo, há uma associação imediata à figura dos membros da “Ku Klu Klan”, que vestiam roupas brancas e chapéus em formas de cones, ressaltando a formação discursiva racista.

Mediante a reutilização desse símbolo é ativada na charge a memória discursiva, que ativa outros discursos já proferidos anteriormente por grupos supremacistas. Essa relação faz com que seja ativado o símbolo do leite, emblema supremacista, que era usado nas reuniões da “Ku Klu Klan”, como forma de símbolo de superioridade. Segundo a antropóloga Adriana Dias (2021). Ao beber leite branco, torna-se branco, segundo o lema proferidos pelos supremacistas. Comentou a antropóloga em entrevista à BBC News Brasil. (Dias, 2021)

Dada essa relação com a memória e a formação discursiva, percebe-se que esse gesto, de tomar o leite no copo em forma de cone permite uma derivação de sentido, no qual se configura em prática racista que está sob a égide da formação do discurso racista, ou seja, sob uso de materialidade racista de outras épocas. A noção de arquivo de Foucault (1969) torna mais abrangente a relação desses símbolos na charge, e compreende o sentido do enunciado como construção histórica, sob a perspectiva que as formulações discursivas do enunciado nascem no social e têm participação da exterioridade para a sua formação.

Observamos que os dizeres da charge “Calma, é apenas um copo de leite” retomam o acontecimento da realidade social, quando o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro em gesto produzido em 29 de maio de 2020 apareceu em sua tradicional “Live de Quinta” tomando um copo de leite puro. De acordo com a reportagem do “Notícia Preta”, é o leite sendo um dos 10 produtos do agronegócio, base de apoio do presidente, isso teria acontecido como forma de um “desafio do leite”, para promover as ações do agro.

- **Manchete 01-** O copo de leite do Bolsonaro

☰
NP

Home > Geral > Durante live, Bolsonaro toma “copo de leite” símbolo nazista de supremacia racial

Geral Notícias

Durante live, Bolsonaro toma “copo de leite” símbolo nazista de supremacia racial

Publicado: 30 de maio de 2020 | 11:00 · Notícia Preta



Fonte: Notícia preta (2020).

Ao analisar o contexto do enunciado, nota-se que ao fazer esse gesto: o de tomar o leite, o presidente afirmou que se tratava de um desafio, porém, em nenhum momento o presidente anuncia quem será o próximo a realizar o ato, passando o gesto adiante, coisa que ele não o fez.

Tomando como bases essas condições de produção do enunciado, observa-se que o enunciado da charge e o gesto do presidente estão fincados em formações discursivas racistas, pois invocam no seu implícito os não ditos; ou seja, as práticas racistas já discursivizadas anteriormente e em outras épocas. Desse modo, dado o trajeto temático e as ressignificações do discurso racista, observa-se que pelos recursos imagéticos como símbolos, cone, figura masculina, refere-se a mesma regularidade discursiva; isto é, seriam os sentidos racistas que formam a base do enunciado. Na charge produzida fica explícito o confrontamento pela materialização do discurso antirracista.

- **Figura 2** – O significado e o significante



Fonte: Instagram (2021)

A segunda charge é composta por uma mão sobre um fundo preto gesticulando um símbolo, formando as duas letras “W e C”. A charge ainda apresenta com elementos verbais, os dizeres “significados e significantes”. Nota-se na charge uma metalinguagem com as palavras *significados* e *significantes* e conceitos do campo da Linguística. Por significado, entende-se que é o conceito de algo e por significante, a imagem acústica do conceito. Desse modo, os símbolos formados pela mão, as duas letras W e C, formam um símbolo a princípio nada de anormal. A depender do significado e significante, pelo sentido popular, essa imagem refere-se ao famoso “OK”. Ou seja, para mostrar que está tudo bem e tudo certo.

Desse modo, ao lermos a charge com o contexto de produção, observamos que foi produzida sob a perspectiva de um fato que aconteceu no cotidiano político. Felipe Martins, então assessor da Presidência da República para assuntos exteriores, no dia 24 de março de 2021, durante a sessão no Senado da República, chamou atenção não somente por estar atrás do presidente da casa; o senador Rodrigo Pacheco, mas, por fazer um gesto com suas mãos. Esse gesto, é considerado “Ok” no seu sentido popular. Porém, segundo a reportagem da BBC

News Brasil, o gesto com forma arredondada entre o indicador e o polegar, que também é um *emoji* popular, foi classificado como "uma verdadeira expressão da supremacia branca", pela Liga Antidifamação (ADL, na sigla em inglês), organização dos Estados Unidos que monitora crimes de ódio.

- **Manchete 02-** Símbolo no Senado



Fonte: Folha de São Paulo (2021)

Nesse sentido, ao observar que o gesto ganha nova conotação, podemos enxergar a relação com a memória discursiva e, desse modo, a ativação de outros dizeres implícitos nos não ditos desse enunciado, que apontam para o discurso racista. A começar pelo símbolo popular do 'Ok', no qual estão sendo utilizados por grupos supremacistas brancos, como forma de ressignificação do seu discurso, para que possam passar despercebido na sociedade.

Dada essa relação, distorce seu significado, reutilizando o gesto para mostrar a outros apoiadores do movimento que aquele indivíduo é um deles e apoia suas pautas. Dessa forma, pelos implícitos devemos entender os elementos não ditos do discurso. Na figura 02, os aspectos do discurso racista nos implícitos formam uma materialidade discursiva ressignificada, promovendo a regularidade discursiva com o primeiro enunciado da série (charge 1). Além disso, se materializa na charge através do discurso antirracista por meio de elementos do cotidiano, como o símbolo popular do 'Ok' operando o novo na repetição. Isto é, o discurso supremacista se apropria de um conjunto de símbolos, atuais da época para promover a repetição de suas ideias, com os mesmos interesses de sentido, mas com o novo discurso. Visto que, o sujeito que o propaga atua sob as restrições do ambiente em que se encontra, o senado federal.

Dessa maneira, a formação discursiva racista permite que, ao longo da história, os discursos se ressignifiquem e formulem em época dada um novo sentido, porém sem perder as características fundamentais como seu tema referencial, ou seja, a perspectiva do discurso racista. Sob essa possibilidade temática, novos enunciados são formados, porém, mesmo se comportando como um novo dizer, se constitui do mesmo discurso ressignificado. Desse modo, ao observar a charge, a memória discursiva é ativada e os elementos discursivos, por

meio da historicidade, são ativados. Acaba, porém, promovendo o confronto do discurso de resistência, sendo ressignificado e materializado nas charges por meio do discurso antirracista, o qual desconstrói o discurso supremacista branco que os sujeitos envolvidos na notícia negam fazer referência com seus gestos.

Figura 3 – Liberdade de expressão



Fonte: Instagram (2022).

Fechando esta séria enunciativa que enfoca os discursos supremacistas, analisamos a terceira charge, cuja materialidade imagética da charge se divide em duas partes. Na primeira, no escuro, um homem aponta com surpresa para algo que vemos na segunda parte, em claro, o capuz, indumentária símbolo da KKK. Nesta parte, um texto que completa o “Olha...” inicial vem de dentro do gorro (como túnel). A pessoa agora fala de dentro da vestimenta/túnel, como se estivesse dentro desse pensamento, e de lá, enxerga “uma luz”.

Observando os recursos imagéticos, é ativada a memória discursiva de atitudes racista, pois o túnel é em formato de um cone, capuz das vestimentas de grupos supremacistas brancos como os membros da “Ku Klu Klan”. Ou seja, o túnel é a base dos implícitos que comporta a charge, sendo um elemento da formação discursiva racista. Desse modo, a referência do túnel se configura com a relação de sentido que os discursos permeiam na sociedade.

Nesse sentido, a luz que faz referência à imagem, se apresenta como algo que está no exterior. Desse modo, pode-se entender como a normalização do discurso racista que a sociedade regulariza por meio das ressignificações que se apresentam como um novo dizer. Porém, como sabemos, não é um novo enunciado, mas um discurso ressignificado. Sendo assim, ainda que os participantes dessa formação discursiva neguem que o intuito seja o de promover a discursivização do discurso racista, acontece na materialização das charges o confronto e a discursivização do discurso antirracista, como de resistência e de desconstrução dos enunciados racistas.

Além disso, observando a condição de produção em que emerge esse discurso, podemos enxergar uma normalização do discurso racista, o qual adentra na sociedade ressignificado e amparado pelo conceito da chamada “liberdade de expressão”. Os sentidos do enunciado da charge dialogam com o fato que aconteceu em 07 de fevereiro de 2022, quando

o então apresentador do *Flow Podcast*, Monark, pelo conceito de liberdade de expressão, defendeu a existência de um partido nazista legalizado. Contrariando a constituição do Brasil, que preza pelo “bem a todos, sem preconceito de cor e raça ou religião” (BRASIL,1988). Desse modo, percebe-se que esses sujeitos entendem liberdade de expressão como liberdade para defender aquilo que acreditam como certo, apoiado na sua verdade, e alicerçado em seus ideais, sem restrições de leis.

Manchete 3 - Partido Nazista Brasileiro

Política

Monark defende partido nazista no Brasil e contraria princípios da Constituição

Sob protesto de Tabata Amaral, apresentador do Flow Podcast defendeu a legalidade de um partido nazista no Brasil, algo proibido até na Alemanha; grupos reagem e pressionam patrocinadores do programa

Fonte: O Estado de São Paulo (2022)

O que se percebe é a presença do interdiscurso na fala do apresentador, pois, no seu implícito, tantos outros discursos foram ativados a partir do conceito errôneo de liberdade de expressão. Logo, sua defesa, apresentada na manchete 05, evoca claras formações discursivas racistas sob a égide da liberdade de expressão, e ao fazer essa defesa, ativa a memória discursiva sob o que representou o partido nazista e sua contribuição supremacista, racista e preconceituosa para com os negros na sociedade.

Além disso, através dos recursos imagéticos, símbolos e dizeres, percebe-se que a regularidade discursiva da charge 3 é regulamentada por formações discursivas de práticas racistas. Assim, ao serem materializadas invocam memórias discursivas de discursos que já foram discursivizados em outras épocas, mas sob outras formas. Conforme a regularidade temática, o discurso racista se ressignifica e se apresenta como um novo dizer, ao ser materializado na charge. Esta, ao expor de forma irônica e crítica as ideias racistas que circulam socialmente, estabelece seu discurso como uma prática antirracista.

Nesse sentido, a luz que o discurso racista demanda na charge, corresponde ao interesse para com esse discurso que passe sem ser notado de forma explícita na sociedade. Além disso, permite que exista uma normalização do discurso racista, à medida que, esses participantes induzem que não é isso que eles querem dizer e neguem a todo custo suas perspectivas racistas que as defendem. Abordado como uma forma de confronto quando materializado sob o discurso antirracista apresenta-se como forma de resistência e promove a desconstrução dos discursos supremacistas e de seus apoiadores.

- *SÉRIE ENUNCIATIVA: VIOLÊNCIA COM O CORPO NEGRO*

Figura 4 – O Suspeito



Fonte: Instagram (2021)

Na segunda série enunciativa, analisaremos as charges que comportam a temática sobre a violência com as pessoas negras. A primeira charge dessa série (figura 4) é composta pela figura de um policial militar que está pilotando a sua moto, o qual, puxa algemado na traseira da motocicleta um homem negro. Com os elementos verbais da charge temos os dizeres: “Eu poderia estar matando... Eu poderia estar plantando prova de crime... Mas estou apenas desfilando com suspeito algemado pelas ruas...”

As falas do policial mostram claramente a relação com o funcionamento da memória. É ativado um discurso já proferido em diversas formações ideológicas da sociedade, formulando o pré-construído do discurso. A polícia que mata, que planta provas de “crimes” é um pré-construído que ressoa no imaginário social sobre a polícia. Esses aspectos atuam na base do dizível, ou seja, sustentando cada palavra com a presença do interdiscurso, sendo exterior a formação discursiva. Atuam no pré-construído do discurso com relação ao já dito antes, por alguém, em algum lugar social e em outro momento, mesmo muito distante, possui relação de sentido a partir dos efeitos que as palavras do policial provocam.

O comportamento do policial ativa atitudes racistas sobre as pessoas negras, que consideradas inferiores na sociedade e sujeitas a tratamentos violentos. Dada essa relação, a ativação da memória retoma outros discursos já ditos, que devido a esse processo, possibilita enxergar as novas ressignificações do discurso e do novo dito na sociedade. O tratamento destinado ao negro ativa práticas racistas do século passado e ressignifica com o padrão de criminoso da atualidade, promovendo a ressignificação discursiva, de que a figura do corpo

negro inferior, gera atitudes que o humilhem e o coloquem ‘no seu lugar’, na resignificação dessas práticas racistas.

Segundo Foucault (1969), para compreender os elementos discursivos por meios de recortes temporais, é preciso compreender a história do presente. Analisando as condições de produção da charge se verifica a relação com o fato ocorrido no dia 01/12/2021, em São Paulo. As pessoas que passavam em uma avenida da capital paulista se depararam com uma cena inusitada. Segundo o site de notícias *G1*, os policiais prenderam um jovem negro, suspeito de portar drogas. Além disso, puxaram, algemaram e o arrastaram por 300 metros em plena avenida. De acordo com o advogado, essas atitudes que o jovem sofreu por parte dos policiais, demonstram características de tortura e elencam pontos racistas por parte dos policiais, devido ao tratamento já construído na sociedade destinado ao jovem negro e da periferia.

Manchete 4 – Violência na rua

Jovem negro foi algemado, puxado e arrastado por 300 metros por PM em moto em SP, diz advogado

Fonte: G1 (2021)

As práticas racistas resignificadas atendem à história e se apresentam como um novo discurso na sociedade. Ao atentarmos para isso, observamos que o enunciado “desfile com o suspeito algemado nas ruas” retoma a memória social do ‘padrão de criminoso’ e o negro por dispor de condições mínimas de acesso à educação e a cultura continua sendo ‘suspeito’, ativando, mais uma vez, o pré-construído das práticas racistas formadas pela sociedade.

Desse modo, com a presença do interdiscurso, o “desfile” que faz referência no enunciado ativa a época, em que esse procedimento tinha o intuito de humilhar o negro por alguma falta cometida. Essa ativação, rememora o período escravista em que, o negro era punido sob forma de humilhação, submetido a torturas e algemados em troncos. Hoje, esse discurso se resignifica, se materializa com imagens, símbolos e enunciados sob a forma do novo dizer, remetendo à mesma formação discursiva da época passada.

Através do trajeto temático, observa-se a ativação do pré-construído mediante os sentidos sobre a pessoa negra já discursivizados anteriormente, que retomam resignificadas na perspectiva de um novo dizer.

Figura 5 – Liquidação



Fonte: Instagram (2021)

A segunda charge dessa série (figura 5) retrata um vigilante do supermercado e um corpo negro sendo conduzido dentro de um carrinho de supermercado. Com elementos verbais da charge é apresentado um curto enunciado com os dizeres: “O que não falta aqui é liquidação, principalmente de negros, pobres e excluídos”. Ao observar esses enunciados, é notória a participação da ativação da memória social e do pré-construído da figura do policial, que pela presença do corpo negro, invoca as formulações de que a polícia mata primeiro e, posteriormente, apura os fatos. Relação que se apresenta com o pré-construído do nosso imaginário social, sob a condição de ação de policiais na periferia, recorrentemente mostrado no noticiário policial.

Dada essa relação com o interdiscurso, percebe-se ainda a participação da memória social ativando o padrão de criminoso materializado pela figura do corpo negro. Nesse sentido, endossado pela marginalização da pessoa negra, em decorrência de possuir menos oportunidades, negro também recebe o estereótipo de ‘pobre’. O resultado é a sua exclusão da sociedade de privilegiados. Logo, ativa na história, outras formulações discursivas que, já ditas anteriormente, invocam o mesmo padrão de criminoso, do pobre, do excluído estereotipado na figura do negro.

Nesse sentido, a palavra liquidação invoca uma espécie de produto, ou seja, estão comercializando um produto, o corpo negro. Ao retomar a história e observar o percurso temático, nos deparamos com outro momento em que o negro era tratado como produto no período da escravidão. Isso, ativa a participação da memória e da formação discursiva que retoma outros discursos de outras épocas, sob diferentes formas. No período escravista, os negros eram vistos como objetos, prontos para serem levados por quem pagasse a maior quantia, numa espécie de liquidação, com preços disponíveis. Ao ressignificar, as

possibilidades temáticas constroem um novo dizer; qual seja, a espécie do supermercado, incluindo novos recursos do seu recorte temporal, mas com mesma materialidade discursiva, promovendo a reutilização do discurso e se apresentando como um novo dizer.

Desse modo, dada a relação com a reutilização do discurso, é preciso se voltar para as condições em que foram produzidos os enunciados da charge. Um homem negro foi morto às vésperas do Dia da Consciência Negra, em um supermercado de marca conhecida no Brasil, em novembro de 2020. O negro, por ser considerado um suspeito, obteve um tratamento bruto e foi espancado até a morte nas dependências do supermercado.

Manchete 5 – Violência no supermercado



Fonte: G1 (2021).

As condições de produção da reutilização de um já dito anteriormente atribuem novos sentidos a essa ressignificação. A reutilização se observa na apresentação da forma violenta como o corpo negro é tratado, atribuindo um novo sentido, nas formações discursivas que produzem práticas racistas. Desse modo, o processo de marginalização do corpo negro favorece as práticas de atitudes racistas recorrentes na sociedade, pois se no processo histórico, os negros detinham lugares subalternos em instituições públicas ou era banidos delas, essas práticas se ressignificam e ganham novos sentidos.

A execução invoca as atitudes e práticas formuladas nas formações discursivas de grupos supremacistas brancos, como a “Ku Klux Klan”, que através de práticas racistas agiam de forma violenta e matavam os indivíduos negros como forma de limpar a sociedade. À medida que ativa a memória social, essas práticas racistas se ressignificam e se apresentam como um novo dizer. Hoje, não são mais os indivíduos de capuz em formas de cones e vestimentas brancas que fazem esse serviço, outros atores sociais ocupam este lugar. Esta rede de sentidos emerge da leitura discursiva da charge. Agora quem promove a limpeza são indivíduos regulamentados pelas instituições, que amparadas por outros dizeres que já foram formulados antes, atuam como um novo *Klan*.

Sob os implícitos dessa nova ressignificação de prática a atitude racista, agem formações discursivas já formuladas anteriormente que, atrevidas pelo interdiscurso, possibilitam observar o trajeto temático analisando a regularidade discursiva da charge, qual seja, as

práticas violentas contra os corpos negros. Desse modo, através das possibilidades temáticas, esses discursos se apresentam na época dada sob a forma de um novo dizer, produzindo sentidos sobre acontecimentos do cotidiano. Se materializando nas charges sob a forma de um discurso antirracista, em contraste com as práticas racistas que persistem ainda hoje.

Figura 6 – Fumaça e tortura



Fonte: Instagram (2022).

Fechando esta série enunciativa, a terceira charge (figura 06) apresenta um enunciado é constituído pela figura de um policial rodoviário e uma viatura de polícia, dentro dela a presença de um corpo negro. Preso no interior do veículo sendo asfixiado pela fumaça que sai do compartimento de trás da viatura. Como elementos verbais da charge se observam textos curtos com os dizeres: “esse negócio de matar a tiro é do Rio de Janeiro... Aqui no Sergipe a gente executa com fumaça e tortura.”

Através da leitura dos enunciados, percebe-se a relação do funcionamento da memória social e do interdiscurso na construção do enunciado “esse negócio de matar a tiro é do Rio de Janeiro.” Ativa a presença do pré-construído na sociedade sobre as relações entre a polícia a sua forma de agir, principalmente na periferia. Observando, desse modo, que as formulações com atitudes racistas já foram ditas anteriormente e sob outras formas de enunciados.

Analisando as condições de produção em que a charge foi produzida, a ocorrência faz referência ao episódio que aconteceu no interior do estado do Sergipe. Os policiais federais abordaram um homem negro que pilotava uma motocicleta sem o equipamento de segurança; o capacete. Segundo a reportagem do *GI*, após abordagem ríspida, os policiais rodoviários ignoraram as alegações de populares de que o homem sofria de transtornos mentais e o imobilizaram. Todo o procedimento foi feito de forma violenta. Mesmo imobilizado e sem apresentar nenhuma resistência dentro da viatura, o homem foi asfixiado com uma fumaça branca que provocou a sua morte.

Manchete 6 – Violência em Sergipe

Homem morre após ser abordado e colocado em porta-malas de viatura da PRF em Sergipe; veículo estava tomado por fumaça

A PRF informou que foi aberto um procedimento disciplinar para averiguar a conduta dos policiais envolvidos.

Fonte: G1 (2022).

A materialidade discursiva comporta no seu interior a presença da história. As práticas de tortura e asfixias podem ser ativadas na memória social como práticas relacionadas às câmaras de gás do período nazista, em que os indivíduos excluídos da sociedade eram submetidos a asfixia por um gás venenoso. Sob a forma de um novo discurso a formulação do enunciado “Aqui em Sergipe a gente executa com fumaça e tortura.”, se apresenta como um novo dizer, mas que contém em seu implícito, a mesma materialidade discursiva dita anteriormente de outros lugares na história. Assim, com a ressignificação discursiva são ressignificadas da sua época dada e apresentam como um novo dizer.

Dada essa relação com a história, o episódio violento contra o homem em Sergipe ativa na memória social a manutenção do padrão de criminoso do corpo negro, formulando a formação discursiva desses enunciados, em que atitudes de violências são regulamentadas pelas instituições que atuam na sociedade, permitindo que práticas violentas sejam mantidas e regularizadas pelos órgãos de poder. Essas práticas racistas se ressignificam e atuam na sociedade como novas formas; não mais a câmara de gás e sim a viatura e não mais atirar, e sim asfixiar. Desse modo, na ativação da memória discursiva percebe-se que essas práticas racistas formulam a mesma formação discursiva de discursos outros e de outras épocas. Formando, assim, a regularidade discursiva. Os elementos da regularidade observada: práticas violentas contra os negros e a figura da policial. Esses enunciados formulados na charge são confrontados com o discurso de denúncia na materialização do discurso antirracista.

Com a presença da memória discursiva, percebe-se que esses enunciados estão dentro da mesma formação discursiva de práticas racistas dada a relação com a história e exterioridade formalizando o que podemos intitular da regularidade discursiva. Esses discursos atuam na sociedade através de meios sociais de nosso presente, com implícitos de outras épocas, formulando o novo dizer na formação discursiva antiga. Promovendo, desse modo, a ressignificação. Através dessas possibilidades temáticas, esses discursos se reutilizam e se materializam nas charges na forma de um discurso de resistência que é o discurso antirracista, num exercício de confrontação dessas práticas racistas na materialização das charges.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar nossos objetivos, inicialmente, ressaltamos a faculdade das formações discursivas que formam os enunciados. A ativação da memória discursiva, ativa no nosso imaginário social outros discursos que já foram ditos antes, de outras formas, mas com formas novas de materialidade discursiva, que está sendo materializada nas charges, e que articulam semelhantes efeitos de sentido sobre o objeto da nossa pesquisa: os discursos racistas e seus efeitos na sociedade. Ativação da memória discursiva faz concentrar na história os enunciados e esses discursos que discursivizados em outra época dada se apresentam como um contradiscurso na materialização antirracista.

Em relação à ressignificação discursiva dos enunciados, dado o trajeto temático, observa-se que pelos recursos imagéticos como símbolos, capuz, figura masculina, figura do policial rodoviário articulam-se a um conjunto de sentidos formados pela mesma formação discursiva. Isto é, as práticas racistas formam um conjunto de discursos, que através das possibilidades temáticas, se ressignificam e são expostos e criticados no trabalho dos chargistas na rede digital. São confrontados com a materialização do discurso antirracista que as charges promovem a desconstrução, ou pelo menos, mostram como estas ideias criminosas circulam e se espalham na sociedade com discursos supremacistas e violentos de seus apoiadores.

De maneira geral, os resultados apontam que os enunciados comportam a regularidade discursiva; qual seja a regularidade de prática racista e violenta com o corpo negro, materializado nas charges. Através da ativação da memória discursiva, percebemos que já foram ditos antes, sob outras formas. Ainda assim, esses enunciados se ressignificam e se apresentam na materialidade discursiva. Sendo assim, essa materialização se observa por recursos linguístico-discursivos como imagens, símbolos, pequenos enunciados, que ao serem discursivizados ativam implícitos retomando sentidos outros.

Posto isso, fica a contribuição que o discurso sendo social necessita ser materializado por meio da língua. Dada essa materialização, ressignifica e se apresenta como novos dizeres através da nossa história presente, no trabalho dos chargistas, como elemento de resistência ao discurso racista, a que os sujeitos responsáveis por propagar negam fazer referência.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989**. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716compilado.htm. Acesso em: 22 set. 2022.
- BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº12.033, de 29 de setembro de 2009**. Altera a redação do parágrafo único do art. 145 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, tornando pública condicionada a ação penal em razão da injúria que especifica. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112033.htm. Acesso em: 21 set. 2022.
- Durante live, Bolsonaro toma “copo de leite” símbolo nazista de supremacia racial. **Notícia Preta**. 30 de maio de 2020. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/durante-live-bolsonaro-toma-copo-de-leite-simbolo-nazista-de-supremacia-racial/>. Acesso em: 28 de julho de 2022.
- BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 22 set. 2022.
- COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. **Langages**, n. 62, p. 9-128, 1981.
- DICIO, Dicionário Online do Português. **Charge**. 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/charge/>. Acesso em 10 de novembro de 2022.
- FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do discurso reflexões introdutórias**. Universidade de Brasília, Brasília: Pontes, 2005. 100p.
- FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil – um breve perâmbulo. In: FERREIRA, M. C. L.; INDURSKY, F. (Orgs.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2007. p.13-22.
- FOUCAULT, M. Paris Gallimard, 1969. Trad. Bras.: **A Arqueologia do Saber**. tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FREITAS, Brenda de. Em briga de marido e mulher se mete a colher: Uma análise de discursos sobre a violência contra a mulher na pandemia (covid-19) em enunciado do Instagram. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Paus dos Ferros, 2022
- GARCIA, Tirza Myga. **A análise do discurso francesa: uma introdução nada irônica**. Universidade Federal de Santa Catarina. n° 7. 2003.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 179-182

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. **Efeitos do arquivo:** a análise do discurso no lado da história. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997. p. 163-187.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valenciese. A análise do discurso: conceito e aplicações. São Paulo: Alfa. 1995. p. 13-21.

HOFF, Beatriz Maria Eckert. (Re)buscando Pêcheux: algumas reflexões in-certas. São Paulo: Universidade de Campinas, 2007.

Homem negro é espancado até a morte em supermercado do grupo Carrefour em Porto Alegre. **G1 RS**. 20 de novembro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>. Acesso em 30 de julho de 2022.

Homem morre após ser abordado e colocado em porta-malas de viatura da PRF em Sergipe; veículo estava tomado por fumaça. **G1 SE**. 25 de maio de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/25/homem-morre-apos-abordagem-de-policiais-rodoviaros-federais-em-umbauba.ghtml>. Acesso em 03 de setembro de 2022.

INSTAGRAM: **Cartunista das cavernas**. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/cartunista_das_cavernas/?next=%2F. Acesso em 30 outubro de 2022.

INSTAGRAM: **Alberto Bennet**. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/albertobenett/?next=%2F>. Acesso em 30 de outubro de 2022.

LASSEM. Dulce Beatriz Mendes. **Efeitos de sentido:** Tentativa de contenção e deslizamento. Porto Alegre: Cadernos IL. n° 40. Jun/2010. p. 73-82.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do Discurso**. Tradução Freda Indursky, 2° ed. Campinas, SP: Pontes, 1993. 198p.

MACHADO, Renato. COLLETA, Ricardo Dias. **Folha de São Paulo**. No Senado, assessor da Presidência faz gesto obscuro e racista. 24.mar.2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/senador-considera-obscuro-gesto-de-assessor-do-planalto-e-pede-sua-expulsao-da-casa.shtml>. Acesso em 28 de julho de 2022.

MEDEIROS, Davi. GALZO, Wesley. **O Estado de São Paulo**. Mornak defende partido nazista no Brasil e contraria princípios da constituição. 08 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,monark-defende-partido-nazista-no-brasil-e-contraria-principios-da-constituicao,70003972778>. Acesso em 30 de julho de 2022.

MICHAELIS. **Racismo**. 2022. Disponível: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/racismo/>. Acesso em 11 de novem de 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios & procedimentos. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

ORSATTO, Franciele Luzia de Oliveira. GIACOMEL, David Marchetti. **O pouco que muito diz: embates discursivos em charges que tematizam o racismo**. Cascavel: Unioeste, 2017.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. IN: ACHARD, Pierre et al. Tradução: José Horta Nunes. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999. 39p.

Porque gesto de 'OK' de assessor de Bolsonaro está em lista de símbolos de ódio nos EUA. **BBC NEWS BRASIL**. 25 de março de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49861739>. Acesso em 30 de julho de 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2º ed. Nova Hamburgo: Feevale. 2013.

SANTOS, Eugênio Pacelli Jerônimo. SILVA, Flávia Ferreira. **Análise do discurso I**. São Cristovão-SE: Universidade Federal de Sergipe. 2014.

SANTOS, Raquel Amorim dos. SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. Racismo científico no Brasil: um retrato racial do Brasil pós-escravatura. Curitiba: **Educar em Revista**. v. 34, n. 68, p. 253-268, mar./abr. 2018.

SIMIONI, Rafael Lazzarotto. **Arquivo, história e memória: possibilidades de diálogo entre Luhmann e Foucault**. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal; UCS/PPGD/FDSM/PPGB, Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS). Pouso Alegre, MG. Brasil.

TOMAZ, Kleber. GALVÃO. César. **G1**. Jovem negro foi algemado, puxado e arrastado por 300 metros por PM em moto em SP, diz advogado. 02 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/12/02/jovem-negro-foi-almemado-puxado-e-arrastado-por-300-metros-por-pm-em-moto-em-sp-diz-advogado.ghtml>. Acesso em 03 de setembro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Sei que existe um mentor que rege essa galáxia, sei também que não estamos aqui por acaso. Por isso agradeço a Deus essa oportunidade.

Aos meus pais Maria de Fátima Marques e José Alcântara da Silva (*in memoriam*), mesmo poucos instruídos em conhecimentos escolares, me proporcionaram a maior riqueza que podiam me dar: A Educação.

A meu orientador, Professor Domingos, obrigado por todos os ensinamentos, desde muito cedo na graduação, me incentivando, me orientando e auxiliando na escrita do texto, e com muita paciência e dedicação, me mostrando as várias formas de aprimorar. Obrigado por não desistir de mim, por acolher meu projeto e acreditar nele.

A minha banca, nas pessoas dos professores Tânia Augusto Pereira e Linduarte Rodrigues, agradeço por toda a contribuição que tiveram com o meu trabalho e toda as orientações de melhorar ainda mais a pesquisa.

A Salviano, irmão de pais diferentes e primo, você sabe a importância que você tem em minha vida, essa finalização tem contribuição sua.

As minhas tias Madalena e Maria, e as pessoas especiais como Joelma e Ceíça, pelo apoio ao longo desses anos.

A minha irmã Cláudia, que em vários momentos assumiu o papel de mãe, por tentar entender as várias renúncias que tive que fazer, para estar aqui hoje, e por fazer parte da minha vida.

A Dona Wilza, que me acolheu como filho e entre os desafios que a academia inflige, me ofereceu um recurso forte e uma fonte segura: o seu apoio, no qual, várias vezes, foi ali onde busquei o meu refúgio.

A André e Welson, por me ajudarem em tantos momentos dentro da Universidade, sem vocês eu também não teria conseguido.

A Marcos, Izailma, Samara e Barbara por me fazer enxergar que o velho ensinamento da minha vó: “mais vale um amigo na praça que dinheiro em caixa”. Faz todo o sentido. Meu muito obrigado pela amizade e companheirismo de vocês.

A Marcos Júnior, profissional excepcional e amigo de verdade, obrigado por acreditar sempre em mim. Seu apoio fez e faz muito a diferença.

A Professora Jaqueline Flor, por inúmeras vezes, auxiliar na escrita do texto, me auxiliando sempre onde podia melhorar.

A Camila Beatriz e a Rafael Ramos por me mostrar que relação vai muito além da sala de aula, e entender que o companheirismo que vocês têm na minha vida, tem toda a diferença.

A professora Dalva, minha amiga, a quem tanto aprendi não somente como profissional, mas como humano. Grato por sua amizade.

A Professora Alfredina, minha mentora linguística, e amiga, seus ensinamentos resultaram grandes impactos incapazes de serem medidos na minha vida acadêmica e profissional e se hoje me constituo o profissional que sou devo a você. Muito obrigado por tudo.

Ao Proenem na pessoa do Professor Faustino. Obrigado pela experiência. Ao longo de 4 anos aprendi o que é uma sala de aula, seus problemas, suas alegrias e tristezas, enfim, ali aprendi o que é ser Professor e pude enxergar o meu amor pela docência.

A Chris Farias, Bruno Barros, Jade Barros, Thaís Calixto, Rayanne Batista e Paula Geórgia, amizades que fiz durante o curso, obrigado pelos momentos vividos, pelos trabalhos compartilhados, pelas pesquisas e provas desenvolvidas, pelas raivas proporcionadas e pelo companheirismo ao longo de 5 anos de curso.

A Samuel Nascimento, pela sua amizade e pelos momentos juntos enquanto colega de curso. Seu apoio e amizade são importantes para mim.

A todos que cuidam da Universidade Estadual da Paraíba, desde a coordenação, aos Professores, até os zeladores, obrigado por diariamente proporcionar um ambiente limpo e cuidadoso para os discentes e docentes. Seu trabalho faz toda a diferença.